

ALEIJADINHO AINDA CONTESTADO

Rui Mourão

Diretor do Museu da Inconfidência

Autor de obra de extrema grandeza, reconhecido pela consciência crítica mais avançada como marco zero de uma tradição artística tipicamente latino-americana, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, devido a moléstia que o levou quase à beira da incapacidade física e à circunstância do aparecimento tardio das informações históricas sobre a sua pessoa e seu trabalho, tem sido motivo de contestações que chegam negar-lhe a própria existência.

De certa forma, isso acaba sendo um motivo a mais de consagração, fazendo crescer sua saga já legendária. Fenômeno semelhante ocorreu com William Shakespeare, Luiz de Camões enquanto poeta lírico e outros. Num campo de completa liberdade como a ficção, explorando a contundência da abordagem – sempre de efeito junto ao público –, até Tiradentes foi objeto de romance de Assis Brasil, no qual aparece dito com todas as letras, o herói da luta pela independência não subiu à força. Substituído no sacrifício por outra pessoa, acabou em Portugal, protegido da Corte, só não ficando esclarecido se chegou a ter um caso amoroso por lá.

Correção Histórica

As referências, nos séculos XVIII e XIX, à pessoa do escultor e suas condições físicas de trabalho são muitas. O pesquisador Francisco Magalhães Gomes, em artigo ainda inédito, arrolou indicações feitas por Germain Bazan, autor dos livros *A Arquitetura religiosa no Brasil* e *O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*: “Ele tinha as mãos paralisadas e era preciso que lhe prendessem o cinzel”, Wilhem Eschwege, 1811; “Ele não tinha mais mãos e era preciso prender o martelo e o cinzel no seu punho”, John Luccok, 1811; “Ele perdeu o uso das extremidades e fazia-se amarrar os ferros à extremidade do antebraço”, Antoine de Saint Hilaire, 1818; “As estátuas de Congonhas foram esculpidas por um homem sem mãos”, Friedrich von Wech, 1850; “A porta da igreja principal de Sabará foi executada por um homem sem mãos”, Francis de Castelnau, 1850; “Perda dos dedos da mão, salvo o polegar e o indicador. Martelo e cinzel amarrados às mãos deficientes”, Rodrigo Bretas, 1858; “As esculturas de São Francisco, de São João del Rei, são frutos da habilidade manual de um homem que não tinha mãos”, Richard Francis Burton, 1868.

As afirmações dos viajantes

estrangeiros podem ser confirmadas pelo exame das obras dos mesmos, acessíveis nas boas bibliotecas brasileiras. A atribuída a Rodrigo José Ferreira Bretas tem sido objeto de contestação, por apoiar na Memória dos fatos notáveis de autoria do 2º. vereador da Câmara de Mariana, Joaquim José da Silva, no Livro de Registro da instituição, que desapareceu e até hoje não pôde ser localizado. Esgotadas as buscas levadas a efeito nos mais variados arquivos do país, e descrentes quanto à possibilidade de o documento haver sido destruído por causas naturais, certos pesquisadores, sem respeitar a honestidade intelectual do autor de *Traços Biográficos do Finado Antonio Francisco Lisboa*, chegaram a criar a versão de que o repositório de crônicas nunca existira, teria sido invenção para sustentar a veracidade de uma obra sensacionalista. Acontece que o historiador Cássio Lanari, em ensaio publicado em 1979, no VI Anuário do Museu da Inconfidência, comprovou a existência do Livro de Registro de Fatos Notáveis da Câmara de Mariana e da Memória escrita pelo Vereador Segundo em 1790. O texto, exemplarmente documentado, não dá margem a contestação.

Numa citação da crônica do vereador Joaquim José da Silva feita por Bretas, o construtor e decorador Antônio Francisco Pombal é referido como sendo irmão de Manuel Francisco Lisboa, revelação que até hoje não apareceu em nenhum outro documento. Como a certidão de casamento de Manuel Francisco Lisboa, na matriz ouropretana de Antônio Dias, o dá como “filho legítimo de João Francisco e Madalena Antunes, natural de Odivelas, termo do arcebispado de Lisboa”, Cássio Lanari foi levantar em Portugal as certidões de nascimento, comprovando que Manuel Francisco e Antônio Francisco efetivamente eram irmãos, nascidos “no lugarejo chamado Pombais, pertencente à freguesia do Santíssimo Nome de Jesus, de Odivelas, uma das paróquias do arcebispado de Lisboa”. Dessa maneira ficou provado, o trecho incluído na biografia de Aleijadinho efetivamente foi transcrito da Memória do segundo vereador de Mariana.

Negação do Nome

O historiador A. J. R. Russel-Wood, autor de biografia sobre Manoel Francisco Lisboa, publicada pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, em 1968, talvez influenciado pelos que insistiam em negar a existência da Memória do vereador Joaquim José da Silva, chegou a referir-

